



FAMÍLIA SILVA SANTOS

Beatriz Ana Loner¹

Esta comunicação pretende avançar alguns dados sobre a família Silva Santos, uma das principais famílias afrodescendentes da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, cujos membros se destacaram desde o período imperial, sendo parte importante da comunidade negra da região.

Embora membros dessa família estejam presentes ainda hoje na cidade, a pesquisa vai se centrar nas quatro primeiras gerações, numa tentativa de analisar suas trajetórias desde a chegada ao Brasil até, aproximadamente, o final da segunda guerra. As gerações escolhidas são aquelas que enfrentaram as maiores transformações da sociedade brasileira, com seu desembarque no Brasil ainda como escravos, suas alforrias e trajetórias de vida durante o Segundo Império, período de maior destaque, no qual integraram-se na sociedade, participando das principais lutas do seu tempo, como a Abolição. Com a Primeira República, a adaptação as novas condições, políticas e sociais também foi feita, mas o período foi marcado por lutas inglórias quanto ao racismo (DOMINGUES, 2004, ANDREWS, 2007) e as condições de vida para trabalhadores², duas lutas abraçadas de frente pelos membros desta família e que cobraram seu preço, com a morte de um deles. Neste momento, tiveram sobre si o impacto forte do racismo e da discriminação, contra o qual lutaram, mas que terminou alterando sensivelmente as possibilidades de projeção de boa parte dos membros desta família, à exceção de um deles, que conseguiu tornar-se deputado estadual.

Como primeiro ensaio a tratar especificamente dos Silva Santos, a biografia desta família teve sua composição prejudicada pela falta de dados, mas mesmo assim, é possível traçar suas trajetórias dentro do Brasil e identificar os principais problemas e desvantagens que tiveram, tanto pela sua cor e posição social dentro da cidade, quanto aqueles devidos a fatores outros, provenientes, por exemplo, da preferência partidária, religiosidade, etc. O objetivo deste trabalho insere-se dentro da proposta de mapear indivíduos e famílias afrodescendentes sulinas como forma de conhecimento concreto das vantagens e desvantagens, limites e oportunidades que este grupo

¹ Doutora em Sociologia, professora visitante junto ao PPG em História da UFSM. E-mail: bialoner@yahoo.com.br.

² Sobre as condições de vida da classe trabalhadora, as referências são inúmeras, mas veja-se, por exemplo, os problemas enfrentados pelos sujeitos livres, brancos e negros, na República artigos de Libby e Furtado, 2006 e sobre Pelotas, em Loner, 2001.



encontrou no estado gaúcho, bem como tentar reconhecer características culturais afrodescendentes que porventura se fizeram presentes em suas vidas. Entende-se que, neste particular, as trajetórias biográficas podem ser muito úteis pois permitem contextualizar a trajetória e escolhas do sujeito, com as potencialidades e possibilidades abertas ou não em cada conjuntura social (SCHMIDT, 2000).

A primeira geração foi constituída por dois africanos, José e Rosa, os quais, quando livres assumiram os nomes de José da Silva Santos e Rosa da Costa Feijó. Não se descobriu documentação relativa a seu estado e condição de vida, sequer sabendo-se se residiram em Pelotas. Entre outros problemas de pesquisa, seus nomes, por muito comuns, dificultaram a consulta documental. Sabe-se que a família considerava que seus antepassados não teriam vindo como escravos da África, informação confirmada por um de seus trinetos.

È uma hipótese difícil de comprovar, embora viável, pois pelo porto de Rio Grande, tão próximo que havia um intenso intercâmbio entre as duas cidades, chegavam navios de todas as procedências, entre eles alguns que haviam estado na costa da África e aqui aportavam, depois de estadias em outras localidades brasileiras. (Scherer, 2007; e Reis, 2008). Mas também essa pode ser apenas uma lenda sobre a origem familiar, para diferenciar a família dos que tiveram ancestrais escravos.

Seu filho Manoel, em testamento, disse haver nascido no estado do Rio Grande do Sul, o que significa que José e Rosa chegaram ao estado e casaram em outro local, antes de sua chegada a Pelotas. De fato, não há rastros da estada deste primeiro casal na cidade, nem do que viviam. Assim, é impossível saber a etnia dos dois, seu porto de desembarque ou outros dados relevantes.

Também não se conseguiu ainda descobrir com que idade Manoel Conceição da Silva Santos, único filho conhecido do casal chegou a cidade. Ele nasceu por volta de 1831 e foi encaminhado para a aprendizagem do ofício de carpinteiro, do qual, quando adulto, passou a profissão de construtor, tendo feito sua fortuna baseado nesta última. Sabe-se que, na década de 1860 já morava em Pelotas, pois os assentos de batizado de seus filhos estão nos livros da catedral de São Francisco de Paula. Nessa altura, já havia se casado com Maria José dos Santos, filha de Manoel Antonio de Abreu e Balbina Maria da Conceição, com quem teve sete filhos, todos criados e batizados dentro da Igreja Católica. Um dos seus filhos mais velhos, José, nasceu em 1863, pelo



que se pode presumir que tenha casado por volta dos 30 ou 31 anos, e depois mudado para a cidade.

Seguramente era bom de contas, o que pode-se saber tanto pelo ofício de construtor, que exigia cálculos precisos, quanto por sua eterna função de tesoureiro em associações de que participava. Sua escrita revelava alguma intimidade com a leitura, mas nada nos deixou de seu próprio punho.

Seja pelo seu ofício, seja por outros fatores, o fato é que parece ter enriquecido rapidamente por volta da década de 1870. De fato, em 1876, ao se registrar como eleitor, sua renda declarada foi de Rs 300\$000. Mas a partir da década de 1880, sua renda lhe permite ser eleitor de primeira e segunda instância, ou seja, maior de Rs 400\$. 000. Por esta época, segundo Xavier, que o conheceu pessoalmente, ele emprestou propriedade sua, um barracão para sediar os Voluntários da Pátria, antes da ida para a Guerra do Paraguai.

Manuel Conceição da Silva Santos, puro sangue africano, convivia na mais roda alta social e note-se bem! Para que o negro daquele tempo de cabeças raspadas, pés no chão, roupa de riscadinho, ventas cunhadas pelos “mimos” das “uhã nhãs e sinhas-moças” convivesse nas rodas brancas tinha que ser negro “vassuncê” e não negro *tu!*

.....
Homem de posses cedeu um prédio para depósito de armamento e fardamento para a guerra do Paraguai gratuitamente, aos voluntários que para lá quisessem seguir.³

Muito católico, pertenceu à irmandade de Nossa Senhora do Rosário por muitos anos, ocupando postos de mesário e juiz nesta devoção e sendo sepultado em suas catacumbas. Passou sua devoção a Igreja Católica para seus descendentes, que também tiveram muito envolvimento com as atividades da Igreja, especialmente suas filhas e seu neto, Carlos Santos.

Suas principais atuações se deram no campo político e étnico organizacional, no qual auxiliou a formar as primeiras organizações negras, além de ter papel destacado no movimento abolicionista. Na campanha da Abolição, parece ter sido o elemento de ligação entre a comunidade negra e os abolicionistas brancos, estando presente desde o início da campanha na cidade, que

³ A Alvorada, Ano XXVIII, 12/05/1935, p.2, n.2.



ocorreu em 1880. Segundo ele próprio, o movimento pelotense foi influenciado pela apresentação de projeto sobre o elemento servil, por Joaquim Nabuco no Rio de Janeiro e, na cidade, pelo cônego Canabarro que pronunciou discurso enfatizando a necessidade de abolição do cativo. A partir de então, os simpatizantes do abolicionismo reuniram-se, pensando em criar uma associação. Inicialmente decidiram fundar um jornal, para angariar mais simpatias e adeptos para a ideia, surgindo A Voz do escravo, que, para o público, passou por ser obra de uma associação, mas do qual Manoel Conceição dizia ser fundador e proprietário.⁴ Iniciado em 16 de janeiro de 1881, faziam parte de sua redação o professor e literato Bernardo Taveira Júnior, o jornalista João José Cezar, o Cônego Canabarro, o poeta Francisco de Paula Pires, Licurgo de Menezes, Ferreira da Silva e foi publicado em tipografias de jornais da cidade. O jornal durou pouco, pois foi envolvido em disputas político-partidárias no segundo semestre de 1881 e alguns dos seus redatores se retiraram, findando o jornal neste mesmo ano.

Mas a tática deu certo, pois em agosto de 1881 fundou-se o Clube Abolicionista, no qual Silva Santos ocupou inicialmente o papel de procurador e depois, o de tesoureiro em suas diretorias.

A organização do grupo negro também estava concatenada com a questão abolicionista, pois o próprio Manoel participava, junto com numeroso grupo de artesãos da cidade, da fundação da Sociedade Fraternidade Artística, a primeira associação mutualista de artesãos negros na cidade, em 24 de junho de 1880. Também esta associação sofreu com o envolvimento político partidário de Silva Santos, e quando este tenta candidatar-se a presidência, em fins do mesmo ano, ocorre uma dissidência, que vai fundar a Sociedade Harmonia dos Artistas, esta também mutualista e com brancos e negros em sua direção. Embora a Fraternidade não discriminasse pessoas pela cor, aparentemente com a saída deste grupo dissidente, ela vai se tornar uma associação apenas negra e na qual Silva Santos vai ser pessoa muito influente, sempre próximo ou presente em suas direções, por si mesmo ou por pessoas de seu círculo de amigos⁵.

De fato, o envolvimento de Silva Santos e outros do seu grupo com o Partido Liberal e sua inexperiência (bem como dos demais) dos riscos do atrelamento de campanhas gerais com partidos

⁴ Jornal Onze de Junho, dia 13/02/1885. Apedido de Manoel Silva Santos sobre o Clube Abolicionista: “Aos abolicionistas e meus amigos”

⁵ Esta sociedade e seu racha, já foi tratada em outras publicações da autora, como em Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande. Pelotas: Edufpel, 2001 .



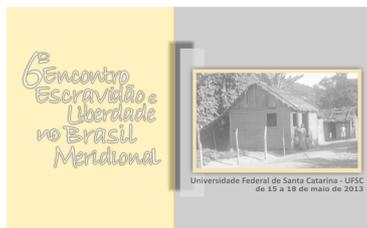
políticos, levou-os a que, tanto o jornal quanto a associação negra ficassem perigosamente vinculadas a candidatura de Fernando Osório para deputado estadual, o que trouxe problemas com todos os partidos, pois a mesma estava em desconformidade com o próprio partido Liberal, de quem representava uma dissidência em 1881. Com isso, A Voz do escravo sofreu críticas pesadas e não resistiu e o próprio Clube Abolicionista não foi poupado da suspeita de partidarização e devido a isso, o próprio Clube teve dificuldades de consolidação na cidade e foi atacado por alguns jornais. A presença de pessoas da elite e descompromissadas com o Partido Liberal em seus principais cargos, auxiliou a manter a respeitabilidade do clube. Alguns dos seus maiores militantes também eram afrodescendentes, pois além de Manoel, apenas em sua diretoria existiam Serafim Antonio Alves e João Antonio Ramos, dono do hotel Copacabana. Manoel e Ramos estavam envolvidos com este partido, enquanto Serafim tinha o apoio da maçonaria, da qual era membro graduado.

Quanto a Manoel, continuou mantendo as duas militâncias como explica em seu apêndice, já citado, no qual, depois de colocar a fundação do A Voz do escravo:

Os serviços que esse periódico prestou, o público que o julgue. Daí para cá foi minha política o abolicionismo, visto que esta necessitava e era a personificação do elemento conservador e liberal; não tentei transigir de política arredando-me do meu partido, mas sim para bem acompanhar a evolução que ora se levantava: como liberal tinha que bater-me com os grandes chefes abolicionistas....⁶

A seguir, afirma que conseguiu convencer alguns homens conceituados na cidade para fundarem o Clube Abolicionista, historiando como cada um deles trouxe sua contribuição à causa e auxiliou a formação dessa associação. Mesmo esse procedimento lhe trouxe críticas, pois o comportamento pregresso de alguns membros da diretoria, especificadamente da sua primeira diretoria não tinha sido cem por cento de adoção ao abolicionismo, com muitos possuindo escravizados ainda naquele momento. Mas, no contexto do momento, aquele auxílio pareceu-lhe fundamental, mesmo porque, o próprio fato de ser negro cobrava seu peso. Em variadas ocasiões e por diversos órgãos da cidade, viu-se que partidos eram criticados, quando faziam campanhas na rua com a presença de negros entre seus apoiadores.

⁶ Onze de Junho, 13/2/1885.



No tempo do Império, a presença negra servia, em parte, para ridicularizar um candidato ou desprestigiar uma causa, como quando o Diário de Pelotas, órgão oficial do Partido Liberal na cidade, ironizou uma manifestação pública a favor ao Fernando Osório, que diz ter sido feita depois de um banquete a ele dedicado pelo Clube Abolicionista. O jornal se refere aos participantes, afirmando que eram muito poucos e nomeando-os: o sr. Serafim Alves, João Faria dos Santos (proprietário Hotel Abolicionista), Damásio Duval, Manoel Conceição da Silva Santos, Gelly Toussain “e 3 ou 4 moleques”.⁷ Não por acaso foram nomeados apenas os afrodescendentes e outras pessoas desclassificadas socialmente, como o bêbado Toussain, sapateiro francês. Na própria continuação do episódio eleitoral, o mesmo jornal reclama que se está colocando esperanças vãs na cabeça dos escravos sobre os resultados da eleição, e com isso ela tornou-se perigosa, pois vai-se realizar ‘com escravos rondando as urnas’.⁸

Mesmo na República, a insinuação de que fatos políticos importantes poderiam ser desvirtuados pela presença de uma ‘massa de manobra’ predominantemente afrodescendente (nesse caso, considerada como ‘o povo brasileiro’ em geral) perdura por muito tempo, estando presente, por exemplo, em críticas de udenistas e outros conservadores quanto ao público que seguia as lideranças populistas da década de 1950. A crítica a este tipo de depreciação elitista das manifestações populares ainda é relevante hoje,⁹ mas ela tem se mantido constante, ressurgindo em diversas formas, ao longo do tempo.

Voltando a Manoel Conceição, por volta de 1884, ele servia de elemento de ligação entre o grupo negro e os abolicionistas brancos, incentivando os trabalhadores ainda escravizados a procurarem as brechas legais do sistema para tratarem de suas alforrias, tal como recorrer ao fundo de emancipação do município, buscando a intermediação do Clube e também da igreja Católica. Para ele, a intermediação da Igreja se daria de várias formas e uma delas era através da celebração de casamentos de homens e mulheres cativos, que buscavam a sua libertação, o que poderia fazer com que fossem privilegiados, como realmente o foram, na libertação através do fundo de emancipação. Em vários dos assentamentos de casamento de escravos, nota-se a presença dele como padrinho ou testemunha no altar.

⁷ Diário de Pelotas, 15/09/1881. Damásio Duval não é conhecido, mas Gelly Toussain “é um sapateiro Frances, sempre bêbado.

⁸ Diário de Pelotas, 30/08/1881.

⁹ FERREIRA, Jorge. (ORG.) *O populismo e sua história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.



Pelotas foi declarada terra sem escravos em novembro de 1884, com o êxito da chamada campanha da emancipação, que tratou de transformar os escravos em contratados. Na realidade, haviam ainda quase quatro mil escravos matriculados na mesa de rendas. Mas todos na cidade, inclusive os abolicionistas, pensaram que a questão se resolveria em pouco tempo e com isso, a atividade abolicionista diminuiu em muito, chegando a ser extinto o clube abolicionista em 23/4/1885.¹⁰ Só em 1887, depois de um sério conflito entre escravagistas e abolicionistas, no qual os abolicionistas foram ofendidos até fisicamente, se tornou evidente que a questão abolicionista ainda precisava ser mais trabalhada e foi criado o Clube S. Sebastião, também abolicionista e para buscar encaminhar vigiar estes contratos de trabalho. Com isso, novamente Silva Santos teve papel de destaque.

Manoel da Conceição não se pronunciou publicamente contra esta falácia da eliminação da escravidão na cidade em 1884. Provavelmente, ele acreditou nela, pois deve ter participado da edição do jornal *O Ethiópico*, número único de 1884, em comemoração ao feito. Parece que, embora a Abolição fosse a grande luta de seu tempo, ele não conseguiu ir além do posicionamento do Partido Liberal e da Igreja, portanto difundindo uma visão moderada e conservadora do processo. Presume-se, porém, que tenha se manifestado contrário a extinção do Clube Abolicionista, ele e Seraphim Alves, mas não conseguiram passar suas posições.

Neste meio tempo, seus filhos adolescentes estavam aprimorando suas habilidades de ensino, leitura, português e matemática na escola noturna da Biblioteca Pública e desde 1884, passaram a lecionar na escola para ingênuos e libertos mantida pelo próprio clube abolicionista¹¹. Ainda em 1884, seu filho mais velho foi um dos coordenadores do Centro *Ethiópico*, formada apenas por ‘netos da África’, segundo um jornal e cujo objetivo era representar a comunidade negra e coordenar as festas da emancipação naquele ano. Talvez também seus filhos estivessem presentes no Grupo Carnavalesco Netos da África, que participou das festas abolicionistas de 1888.

Com a chegada da República, entretanto, a influência de Manoel Conceição diminuiu, devido à nova composição de forças e ao confuso panorama político dos primeiros anos

¹⁰ LONER, Beatriz. Abolicionismo e imprensa em Pelotas. In: ALVES, Francisco (org.) *Imprensa, história, literatura e informação*. Rio Grande: EDFURG, 2007, p.57-64.

¹¹ Segundo Silva Santos, foi ele que financiou esta escola que chegou a ter 67 alunos.



republicanos. Silva Santos não estava sozinho, em suas andanças havia formado um grupo de seguidores, presentes na Fraternidade Artística e que o seguiam em suas atividades políticas e étnicas. Pela atuação destes companheiros seus de luta, (presentes em episódios de conflito entre federalistas e republicanos em 1892) nota-se que continuaram a militância nos sucedâneos do Partido Liberal, ou seja, tornaram-se federalistas. Em 1892, Manoel já teria cerca de 60 anos, portanto velho para a época. Mas talvez o fato de não fechar com o PRR explique duas coisas: primeiro, o fato de seus filhos mais velhos, terem se mudado para Rio Grande, no início da década de 1890, trabalhando e militando por lá, pois Rio Grande era um território mais simpático aos inimigos do Partido Republicano Rio Grandense, pelo menos até 1893.

E, em segundo lugar, o fato de sua fortuna ter diminuído sensivelmente. Durante o Império se sabe que tinha posses, representadas por casas e terrenos, forma conservadora de investimento. No inventário de sua mulher, feito em 1896, constava uma casa com 5 aberturas (o numero de aberturas significava também o status da mesma) e uma apólice de seguros, no valor total de Rs10:969\$000. Não era tanto assim, mas tudo indica que já se havia vendido parte do seu patrimônio, como terrenos que possuía em avenida central da cidade. Quando ele morreu, em 1918, deixou poucos bens para os filhos e netos, com sua fortuna reduzida praticamente a casa em que morava. Sabe-se que, depois de tomar conta absoluta do governo, os castilhistas começaram a aplicar rigorosamente a lei (inclusive a fiscal) para seus inimigos, enquanto ela poderia ser flexibilizada para os amigos. Provavelmente é isso que explica perseverante ditado popular que era válido ainda em 1975, durante a ditadura militar e cujo conteúdo é: “ Aos amigos, tudo; aos inimigos, a lei”.¹²

Mas Silva Santos ainda esteve presente por muitos anos em festas e associações da comunidade negra pelotense. Ele e sua família praticamente fundaram uma associação recreativa negra, a Flores do Paraíso, a qual foi importante no final do século XIX e primeiros anos do século seguinte. Esta associação se diferenciava de outras por ter um caráter marcadamente operário e negro, não deixando de comemorar efemérides destes dois grupos. Ainda se fez presente na

¹² Ditados não tem referênciação, mas os dados que o fundamentam são colocados por LOVE, Joseph - *O regionalismo gaúcho*. São Paulo, Perspectiva, 1971.



fundação, em 1905, do jornal A Vanguarda, órgão do clube José do Patrocínio, do qual Clube José do Patrocínio, do qual era presidente honorário e seus filhos fizeram parte.

Sua participação decresce consideravelmente com o novo século, indicando que deva ter se recolhido em casa, por doente. Sua morte, ocorrida em 11/06/1918, teve como causa, segundo o atestado de óbito, esclerose cardio-renal, aos 88 anos.

Terceira geração:

Agora, é hora de conferir a atuação de seus filhos, pois a maioria deles também foram elementos influentes no meio negro de Pelotas e Rio Grande e no meio operário desta última cidade.

Manoel e Maria José tiveram dez filhos, dos quais oito sobreviveram a idade adulta, quatro mulheres e quatro homens. Das mulheres, as primeiras, Joanna e Maria Madalena casaram e as outras duas permaneceram solteiras. Joanna casou com Pedro Eduardo da Silveira, um dos ganhadores do principal prêmio da loteria do Ipiranga em 1881. Seu casamento deve ter sido arranjado, mas ao que consta, não deu muito certo, pois seu marido teve os bens interditados por solicitação de Manoel e ela retornou ao convívio da casa paterna antes mesmo da morte do esposo. Seguiu sendo braço direito de Manoel nos negócios da casa, da qual tomou conta depois da morte de sua mãe. Maria Madalena casou com Pacífico de Andrade, companheiro de seu pai na Irmandade do Rosário e outras associações. Mais tarde, mudaram-se para Santos, São Paulo. Maria Salomé foi musicista, professora de música e primeira mulher negra a tocar no órgão da catedral de São Francisco de Paula. Junto com sua irmã Maria Jacob, esteve ativa dentro da comunidade negra pelotense. Dois meninos, Octávio e Francisco, morreram cedo, na adolescência ou início da vida adulta, depois da morte da mãe, em 1896.

Quanto aos seus filhos, todos tiveram ofícios vinculados à construção civil.¹³ Nenhum deles manifestou compromisso ou interesse pela política, muito provavelmente porque, em respeito ao pai não poderiam se aproximar do PRR e havia um reduzido e árduo espaço para militância político partidária em termos partidários. Em compensação, tiveram papel importante na fundação e

¹³ A trajetória de seus filhos foi feita a partir de dados pessoais e com a utilização de verbetes dos mesmos que estarão presentes no futuro *Dicionário de militantes do movimento operário gaúcho*, obra inédito de autoria de Silvia Petersen, Benito Schmidt e Beatriz Loner, ainda em fase final de preparação.



sustentação das primeiras associações de classe operária e da etnia negra, tanto na cidade quanto em Rio Grande, já mencionadas.

Um deles, João Vicente, nasceu em 19/07/1867 e morreu prematuramente em janeiro de 1904, ainda solteiro. Tal como seus irmãos, aprendeu a ler e escrever na escola da Biblioteca Pública em 1880 e mais tarde, atuou como professor da escola do Clube Abolicionista para ingênuos naquela década. Ainda dentro da campanha abolicionista, participou de várias comissões do Centro Ethiópico. Na década seguinte, já adulto, participou de várias sociedades étnicas ou profissionais, como a Sociedade Beneficente Feliz Esperança, sendo de sua direção como orador em 1898 e primeiro secretário em 1899; a sociedade Beneficente Fraternidade Artística, ocupou comissões e o cargo de secretário em 1887 e 1888, membro de junta de intervenção na entidade em 1890 e primeiro orador em 1891. Manteve participação na sociedade nessa década, estando na comissão de contas ainda em 1898. Foi diretor da Sociedade Recreio dos Operários em 1888 e fundador da Sociedade Recreativa Flores do Paraíso, sendo seu primeiro presidente, tesoureiro e presidente honorário dessa entidade, da qual foi mestre de sua banda nos primeiros anos do século XX. Como músico, foi um dos fundadores da Banda Musical União Democrata, a qual acolhia negros e brancos, sem distinção, ainda em finais do século XIX. Na Igreja, foi membro da Irmandade da Virgem do Rosário, e da direção do Asilo São Benedito. Morreu cedo, e foram-lhe prestadas muitas homenagens pelas sociedades negras.

O filho mais velho, José da Silva Santos, nascido em 06/10/1863 teve um papel mais preponderante no século XIX, provavelmente por ser o filho mais velho. Ele participou da Campanha abolicionista, foi um dos primeiros membros da junta de coordenadores do Centro Ethiópico, sendo também seu secretário e presidente. Foi professor das aulas do Clube Abolicionista para libertos e ingênuos em 1884 e também professor do curso noturno da Sociedade Beneficente Fraternidade Artística em 1888, entidade da qual participou de sua direção, como orador em 1887 e 1891. Ainda antes do início do novo século, foi dirigente da Feliz Esperança e da Sociedade Recreio dos Operários no ano de 1888.

Mudou-se para Rio Grande, cidade na qual teve grande influência na criação das primeiras entidades representativas do grupo negro, como a Sociedade Filhos do Trabalho, mutualista e



entidades da classe operária, como a Liga Operária em 1892, que durou poucos meses, e a Sociedade União Operária em 1893, esta última durando cerca de 70 anos.

No século XX, continuou mantendo grande participação em entidades de perfil étnico, como fundador do Asilo São Benedito para meninas negras em 1901, sendo seu primeiro presidente, de 1901 a 1903. Participou da diretoria do clube José do Patrocínio (1905-1909) como orador. Foi incentivador da criação do Centro Ethiópico Monteiro Lopes, sendo seu presidente em 1909. Foi alferes e era, como toda sua família, muito vinculado à Igreja Católica, sendo secretário da Sociedade Beneficente União Pelotense em 1914 e 1915. Esta entidade era uma espécie de sociedade que procurava auxiliar e influenciar no sentido do catolicismo os operários pelotenses. Pertencia a Irmandade de São Benedito e atuou na comissão de elaboração de seu estatuto em 1914. Ele foi considerado um lutador pela causa dos negros, não só por sua atuação nas sociedades negras, mas também pelo episódio de denúncia da discriminação contra os negros no teatro Guarany. Este teatro do qual ele foi o construtor, na década de 1920, tinha uma política discriminatória de só aceitar pessoas negras nas galerias mais altas. José fez campanha contra esta medida e, segundo Xavier, em suas crônicas, não foi apoiado pela comunidade negra, o que ocasionou um infarto que o vitimou, pouco tempo depois.¹⁴ Era casado com Alayde da Silva Santos, com quem teve filhos.

Manoel Ramão Conceição da Silva Santos, nasceu em 9 de agosto de 1865 e também foi carpinteiro de profissão. Mudou-se para Rio Grande quando jovem e casou-se com Saturnina Bibiana dos Santos, tendo cinco filhos, morrendo prematuramente em 1905. Foi militante operário, um dos fundadores da Sociedade União Operária de Rio Grande, segundo o jornal desta entidade *Cultura Proletária*, de 1926. Seu filho caçula foi Carlos Santos, deputado federal.

Por fim, Balbino dos Santos, nasceu por volta de 1879 e dessa forma, não teve a participação dos irmãos, tanto na campanha abolicionista, quanto em entidades de classe. Contudo, destacou-se como um lutador étnico, em lutas isoladas com outros amigos, e com participação coletiva da Frente Negra pelotense e falecendo em 18/8/1950 em Pelotas.

Jovem ainda, esteve ativo na sociedade Recreativa Flores do Paraíso, da qual foi segundo secretário da primeira diretoria em 1898, procurador em 1903, bibliotecário em 1906, e membro da comissão fiscal em

¹⁴ LONER, Beatriz Ana. Negros: organização e luta em Pelotas. *História em Revista*, v. 5, dezembro 1999, p.7-27. Sobre a crônica de Xavier, ver A Alvorada, 4/2/1950.



1907. Como lutador pela causa negra, foi um dos incentivadores da criação do Centro Ethiópico Monteiro Lopes e foi vogal em sua direção, em 1909. Participou também da fundação do Clube José do Patrocínio, sendo seu secretário em 1905 e ocupando outros cargos, como membro da comissão fiscal, em 1908. Foi colaborador e membro da primeira equipe do jornal A Alvorada, em 1907/1908. Mais tarde, mudou-se para Rio Grande participando do Centro Cultural Marcílio Dias, dedicado à educação.

Quarta geração:

Os membros da quarta geração são, paradoxalmente, aqueles dos quais se tem menos informação, pois embora numerosos, a maioria não ocupou cargos ou funções de destaque¹⁵. Apenas para ilustração, vai-se colocar a resumida biografia do maior expoente da família, a par com Manoel Conceição, que foi o deputado Carlos Santos.

Carlos Santos, nascido em de dezembro de 1904, em Rio Grande, filho de Manoel Ramão da Silva Santos e Saturnina Bibiana Santos. Carlos tinha um ano quando seu pai faleceu, e sua criação foi sempre mais próxima da família materna, família de fortes mulheres, da qual se orgulhava de sua bisavó, Felisberta, preta mina alforriada, que vendia cocada pelas ruas e, segundo a tradição oral da família, libertou ela mesma e vários outros companheiros com seu trabalho. Já sua avó, Florência Bezerra da Silva viveu até os 80 anos e era mulher que juntou posses com seu trabalho. Provavelmente foi verdade, tanto que sua filha, Saturnina Bibiana da Silva Santos, foi professora de música e organista, ligada à Igreja Matriz de São Pedro. Por fim, sua irmã Maria José, teve uma escola de primeiras letras e foi a responsável pela alfabetização de Carlos. Este, contudo, como órfão, começou a trabalhar aos onze/doze anos, em oficina mecânica e depois em estaleiro. Foi orador por dez anos, do Bloco Carnavalesco negro Braço é Braço e auxiliou a fundação do Centro Cultural Marcilio Dias, duas organizações étnicas negras em Rio Grande. Foi casado com Julieta Boletto, com quem teve cinco filhos. Depois de 1930, ajudou a fundar o Sindicato dos Metalúrgicos, do qual foi secretário geral e presidente. Participou da Frente Sindical de Rio Grande, atuou como fiscal auxiliar da inspetoria Regional do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio em 1933. Foi delegado do Sindicato dos Metalúrgicos para a eleição da deputação classista federal no Rio de Janeiro e foi eleito, em 1935, deputado classista estadual. Nessa sua trajetória, teve grande apoio e influência da igreja Católica, a quem foi sempre ligado, como todos seus antepassados dos dois ramos da família.

Durante a ditadura do Estado Novo, trabalhou no colégio de padres em Rio Grande e atuou também como jornalista. Formou-se na Faculdade de Direito de Pelotas em 1950 e exerceu a advocacia até 1959, quando

¹⁵ É sobre estes que tiveram que adequar-se ao novo 'modelo' racial republicano, que a pesquisa vai incidir, doravante. Sobre o Brasil, alguns autores mais recentes são: Guimarães, 2002; Domingues 2004.



foi eleito deputado estadual pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Em 1967, eleito deputado pelo Movimento Democrático Brasileiro, foi o presidente do Legislativo gaúcho, e, nesta condição, assumiu o governo do estado durante duas viagens do então governador Peracchi Barcellos. Foi o primeiro negro a ocupar estes cargos no estado. Morreu em Porto Alegre, em 08 de maio de 1989 e notabilizou-se, em sua prática política, como lutador pelas causas étnicas e operárias, dentro do perfil tradicional e conservador de sua família.¹⁶

Conclusão:

Como já foi dito, ainda não foi terminada a pesquisa, faltam levantar muitos nomes desta árvore genealógica e também muitos fatores eu podem ter contribuído para enfraquecer o prestígio e a importância da família na sociedade pelotense. Esta família teve como destaque o fato de que nunca buscou esquecer suas raízes negras, sendo a maioria dos casamentos, até a terceira geração, concentrados entre o grupo negro, também não buscando o embranquecimento social,(HOFBAUER, 2006; DOMINGUES, 2004) e sendo ativos militantes da comunidade negra.

Contudo, a partir dos dados levantados, pode-se ver o peso que a ligação com a Igreja Católica e com os partidos tradicionais da região, teve para esta família. A atuação de Manoel Conceição não teria sido possível sem estes dois apoios, bem como a de seu neto, Carlos Santos. Foi esta exatamente a geração que não pode ter expressão político-partidária, pois estava, por injunções familiares, ‘do lado errado’ no momento da fundação da república, e também foi a que menos pode brilhar, malgrado seus esforços. Afinal, os filhos enfrentaram uma situação de nivelamento pela cor, que talvez seu pai, paradoxalmente, não tenha sofrido tão fortemente, pois já era negro livre na sociedade escravocrata. E, por outro lado, eles se situavam, até pelo rebaixamento do nível econômico da família, entre os trabalhadores, não como proprietários, como seu pai, que privava com a elite da cidade. Assim, boa parte de seus esforços foram baldados, como o demonstra a trajetória de José da Silva Santos, um dos poucos a fazer a denúncia pública do racismo em Pelotas, na década de 1920 e que não teve o apoio da comunidade negra. Já seu irmão, Balbino, anos mais jovem, conseguiu participar da Frente Negra pelotense, na década seguinte, mas mesmo assim, não se destacou. Na geração seguinte, de menor representatividade e influência ainda, apenas a liderança de Carlos Santos que, favorecido pela política varguista do estabelecimento das leis trabalhistas na década de 1930, sendo fiscal trabalhista, e pelo apoio decidido da Igreja Católica, conseguiu se projetar como liderança sindicalista naqueles anos, fazendo carreira como político nas décadas seguintes e alcançando grande

¹⁶ Biografia montada a partir de entrevista de José Facundo Mira à autora em 10/7/1996 ; notícias de jornais da época e Relatório do Clube Abolicionista em 1885 (seção de arquivo da B. P. P), além do livro: CLEMENTE, Ivo e BARBOSA, Eni. *Carlos Santos, uma biografia*. Porto Alegre: EDPUCRS, 1994.



projeção no estado. Mas essas são apenas constatações iniciais e muito rápidas, que devem ser melhor aprofundadas proximamente.

Bibliografia

- ANDREWS, George. *América Afro-latina 1800-2000*. São Paulo: EdUFSCAR, 2007.
- CLEMENTE, Ivo e BARBOSA, Eni. *Carlos Santos, uma biografia*. Porto Alegre: EDPUCRS, 1994.
- DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada*. Negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Senac, 2004.
- FERREIRA, Jorge. (ORG.) *O populismo e sua história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GUIMARÃES, Antônio. *Classes, raça e democracia*. São Paulo: Ed.34, 2002.
- HOFBAUER, Andréas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.
- LONER, Beatriz Ana. Negros: organização e luta em Pelotas. *História em Revista*, v. 5, dezembro 1999, p.7-27.
- LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande*. Pelotas: Edufpel, 2001 .
- LOVE, Joseph - *O regionalismo gaúcho*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- REIS, João José. *Domingos Sodré, um sacerdote africano*. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p.152
- SCHERER, Jovani. *A nação da liberdade: os minas e outros grupos de procedência em Rio Grande (1810-1865)*. Anais do 3º encontro Escravidão e Liberdade no Brasil meridional, Florianópolis, ano 2007, cd ROM.
- SCHMIDT, Benito (Org.). *O biográfico*. Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.